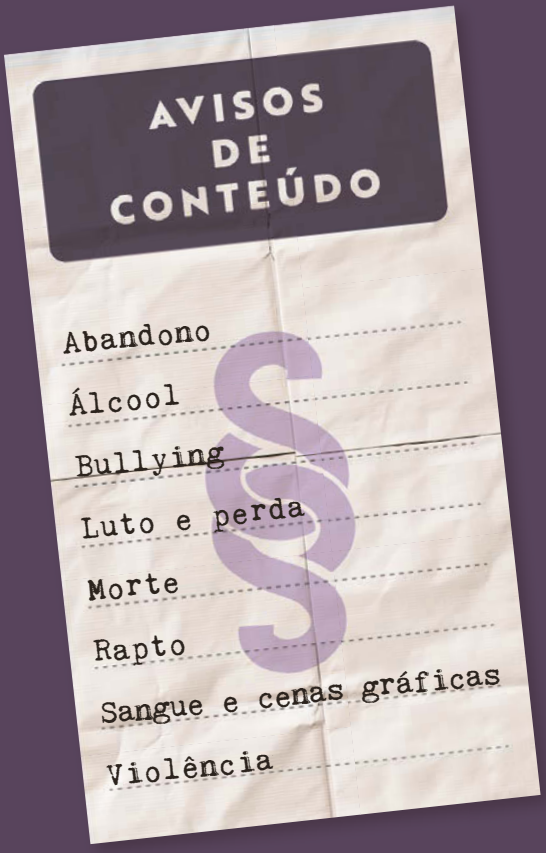

UMA
CONSPIRAÇÃO
DE
MONSTROS
ENCANTADORES
Ilustrado por
SOLENNE SONGER
AUTORA SENSAÇÃO DA FANTASIA YA
HOLLY BLACK
SECRET SOCIETY


AVISOS
DE
CONTEÚDO
Abandono
Álcool
Bullying
Luto e perda
Morte
Rapto
Sangue e cenas gráficas
Violência

Para o Sebastian, que está dentro deste livro
e sempre no meu coração.

Conteúdos

A QUEDA DOS APARTAMENTOS WILLOWBROOK NO NÚMERO 700 DE WINSOME WAY
11

AS IRMÃS PERDIDAS
39

O LAMENTO DE LUTIE-LOO
89

A RAPARIGA HONESTA
125

UMA VISITA ÀS TERRAS IMPOSSÍVEIS
159

O MEU AMOR ESTÁ PERDIDO SOB AS ONDAS
183



A QUEDA DOS APARTAMENTOS WILLOWBROOK NO NÚMERO 700 DE WINSOME WAY

MADOC SABE QUE não vale a pena ficar a remoer sobre as derrotas. Na guerra, perder é inevitável. Por mais fortes ou inteligentes que sejamos, há sempre a possibilidade de encontrarmos alguém mais forte, mais astuto ou simplesmente mais afortunado. Uma derrota é um contratempo. Se planearmos bem, limita-se a conduzir-nos a um caminho mais longo e mais espinhoso rumo à vitória.

Mas, neste momento, exilado de Faerie, preso no mundo desconcertante dos mortais, num apartamento deprimente que cheira a ferro, longe de todos aqueles que ama e de todos aqueles que comandou, parece incapaz de deixar de remoer sobre o passado.

Passou anos a planear a conquista de Elfhame, apenas para ver a vitória arrancada das suas mãos pela própria filha implacável. Uma filha que criou e treinou e que, se a tivesse feito sua confidente mais cedo e a tivesse manipulado melhor, talvez lhe tivesse *entregado* a maldita coroa em vez de a reclamar para si.

Uma parte de Madoc não consegue evitar sentir orgulho da sua pequena Jude. Há até uma certa satisfação em saber que a sua família comandou ambos os lados da batalha pelo trono.

Mas Madoc perdeu na mesma.

Neste momento, percorre o chão de madeira falsa de um lado para o outro, sentindo-se velho e cansado. Talvez já não lhe reste mais nenhum estratagema.

Barretes-vermelhos como Madoc nasceram para morrer em batalha, mas, quando foi expulso, recebeu a ordem de nunca mais voltar sequer a erguer uma arma. Foi duplamente desonrado, privado até da dignidade de uma morte honrosa; um fracasso absoluto.

Cerra os dentes, inspira fundo e expira devagar. Já há três buracos na parede que esmurrou, e não precisa de fazer mais nenhum. Um vizinho bisbilhoteiro, que se apresentou como «Kevin, do outro lado do corredor», apareceu a meter o nariz onde não era chamado para se queixar do barulho, depois de o segundo murro ter atravessado a parede de pladur.

O mesmo vizinho que sobe ao telhado, onde é expressamente proibido estar, para fazer grelhados. Não que Madoc se importe muito com uma pequena infração às regras, mas, se é obrigado a cumprir a norma ridícula do «silêncio depois das dez da noite», então os restantes moradores também deviam ser obrigados a cumprir as suas regras igualmente ridículas. Sem falar da mulher do 5E, que tem um cão minúsculo e irritante que ladra a todas as horas do dia e da noite e, no entanto, ninguém parece queixar-se *dela*.

Madoc disse a Kevin que faria menos barulho e não lhe partiu o pescoço. Não sabe se deve sentir orgulho por ter resistido à tentação de cometer um homicídio ou se isso apenas prova quão mal está.

Uma pancada na janela arranca-o aos seus pensamentos. É um pássaro, não



um dos seus falcões em busca de tiras de carne que já não lhes é permitido caçar. É um corvo branco. Ao aproximar-se para abrir a janela, repara que um pedaço de pergaminho está preso a uma das patas da ave com um fio azul.

O corvo, branco como o luar, entra na pequena cozinha assim que a janela é aberta.

— O que trazes para mim? — murmura Madoc, fitando-o.

A ave debica algumas migalhas espalhadas sobre a bancada. Infelizmente, os armários de Madoc estão praticamente vazios. Desde que deixou Elfhame, tem feito as refeições em cafés e restaurantes. Ainda assim, tem uma caixa de ovos de galinha; parte um diretamente sobre o metal do lava-loiça.

O corvo debica a gema com satisfação, tornando mais fácil a Madoc libertar-lhe a mensagem da pata.

Vou visitar-te amanhã, por volta do anoitecer.
Temos muito que discutir.

Oriana

Observa o bilhete durante alguns instantes antes de o amarrotar no punho.

Oriana, a sua segunda esposa. O casamento deles foi uma união de conveniência; ela casou com ele pela proteção de Oak, e Madoc casou com ela porque queria uma esposa que cuidasse dos filhos que já tinha. Neste momento, pergunta-se se Oriana o considera um fardo de que se deve livrar ou se encontrou uma nova utilidade para ele.

Sabia que Oriana era inteligente — tinha de o ser para sobreviver às intrigas internas da Corte Altíssima quando era consorte do antigo Rei Altíssimo —, mas fica impressionado por ela ter conseguido manter-se nas boas graças de Jude sem nunca deixar inteiramente de estar nas dele.

E, agora, vem visitá-lo.

Embora Madoc tenha estado a afundar-se na autocomiseração, a ideia de que a *esposa* possa sentir pena dele é demasiado terrível para contemplar. E, no entanto, ao olhar em redor para as paredes partidas e as divisões vazias, receia que, se Oriana o vir assim, não consiga evitar sentir isso mesmo.

Tratou o exílio como se fosse uma campanha militar. Tudo é temporário. Dorme sobre mantas no chão, como se estivesse a acampar durante a noite depois de uma marcha. Não há mobília. No frigorífico, nada além de ovos. Usa encantamentos em vez de comprar roupas humanas. Recusa-se a reconhecer a verdade: está preso no mundo dos mortais. E pode ficar aqui preso durante muito tempo.

Mas, se quiser evitar que sintam pena de si, terá de dar a impressão de que já se instalou até amanhã à noite.

Escreve um bilhete curto a reconhecer a chegada de Oriana: Aguardo a tua visita.

Madoc sabe o que tem de fazer; simplesmente teme fazê-lo.

Escolheu este apartamento porque não fica longe de onde vive a sua filha mais velha, Vivi. No entanto, ainda não foi visitá-la. Duvida que seja bem-vindo. Vivi já o considerava apenas tolerável antes de ele quase ter eviscerado uma das irmãs.

Bem, agora terá de descobrir. Afinal, a filha conhece o povo da região.

E a verdade desoladora é que não há mais ninguém a quem possa recorrer.

Desce as escadas, com o gibão e as calças de couro ocultos por um poderoso feitiço. As chaves repousam levemente numa das suas mãos com garras.

A idosa do 5E, Ruth Kaplan, tem um lulu-da-pomerânia a dançar à volta dos seus pés, a ladrar, com a língua pendurada fora da boca e o focinho coberto de baba espumosa. Enquanto Madoc

observa, o cãozinho dispara em direção ao tapete em frente do 5F e depois urina em cima dele.

— Não, Puffball! — chama Ruth. — Sai daí.

Puffball, porém, não lhe dá ouvidos. Entretém-se a comer o que parece ser um punhado de biscoitos para cães, talvez uma oferenda da idosa Lydia Holloway, do 5F, para o impedir de causar mais estragos.

— O Puffball não tem estado bem — explica Ruth a Madoc, desculpando-se, quando percebe que ele reparou.

— Pobre criatura — diz Madoc, afastando-se do objeto do comentário.

Não tem a certeza do que os moradores pensam de si. Tem tentado manter-se cordial nas conversas, mas recusou todos os convites para os conhecer melhor. Espera que não pensem nele de todo.

Mais quatro andares abaixo, passa pelo 1F, que tem uma escada de madeira encostada a uma cómoda do lado de fora da porta, juntamente com uma bicicleta de aspeto enferrujado. Do outro lado do corredor, alguém manteve aberta à força a porta do compartimento do lixo com um saco que está a deixar escorrer alguma coisa malcheirosa.

Continua até ao rés do chão. Ao sair do edifício, passa pelas caixas do correio. Sobre elas estão vários avisos: um folheto a oferecer um sofá para venda, outro com a fotografia de um gato da raça sphynx desaparecido chamado Slinky McEgg e um aviso de que a associação de moradores vai organizar um churrasco comunitário no relvado dentro de dois dias. Mas, maior do que todos esses avisos, está afixado um cartaz obviamente feito à mão: ROUBAR CORREIO É UM CRIME FEDERAL!!!

Uma mulher com um andarilho dirige-se para o interior. Tem um saco de compras equilibrado no cesto à sua frente. É a irmã de Lydia, Vanessa, que também reside no 5F. Talvez seja ela quem compra os biscoitos para o cão.

Madoc abre-lhe a porta.

— O que é aquilo? — pergunta enquanto Vanessa passa, apontando com a cabeça para o cartaz.

Vanessa observa-o de soslaio e depois vira-se para ele com os olhos lacrimejantes.

— É melhor não encomendares nada importante; principalmente aqueles medicamentos baratos que vêm do Canadá. Desapareceram! Toda a gente suspeita de um dos adolescentes, mas eu sei que foi o Leon, do 1F.

Leon Watkins. O que tem todas aquelas coisas espalhadas pelo corredor em frente à porta.

— Porque é que achas que foi ele?

— Porque é um idiota! — responde Vanessa, com um volume de voz surpreendente, antes de se afastar na direção do elevador.

Madoc fica a olhar para a mulher, percebendo que, apesar dos cabelos grisalhos, das costas curvadas e daquele delicioso brilho de hostilidade, Vanessa é mais nova do que ele. Alguns membros do Povo ficam horrorizados com os idosos mortais, ao passo que outros os consideram fascinantes. Madoc não consegue deixar de pensar em Jude e Taryn e de se perguntar se, um dia, segurará nas suas mãos enrugadas.

Enquanto caminha em direção ao apartamento de Vivi, vem-lhe à memória Jude caída na neve, a sangrar até à morte devido ao ferimento que ele próprio lhe causara.

Gravemente ferida, não sobreviveria mesmo que o pai a levasse de volta para o acampamento, que ficava demasiado longe. Naquele momento, teria dado tudo para que Jude pudesse envelhecer.

Ela sobreviveu, lembra-se. Não gosta de pensar no que aconteceu depois, regressando penosamente ao seu exército, quando sabia, lá no fundo, que o jogo não tinha valido a pena.

E foi por isso que perdeste.

Se ainda estivesse de pé no apartamento, teria destruído o lugar por completo.

— Oh, só podes estar a brincar! — exclama Vivi quando o vê parado à porta.

Madoc abre os braços e oferece-lhe um sorriso cheio de dentes.

— Pretendo tirar o máximo partido do meu exílio, minha querida. E isso significa visitar a minha filha favorita.

— A Jude é a tua filha favorita — diz Vivi.

— Neste momento, não — recorda-lhe Madoc, deixando que a sinceridade pese na sua voz.

Vivi solta um resmungo perante aquilo. Tem os olhos do pai. Por vezes, ele pensa que são a única coisa que têm em comum.

— Não podes vê-lo, sabes disso — diz Vivi, com as mãos nas ancas.

Oak. Pergunta-se se o filho mais novo estará no apartamento, se conseguirá ouvir a voz de Madoc. Se estará assustado por isso.

— Vim visitar-te.

Ela estreita o olhar. Sabe que Madoc não pode mentir, tal como ela, mas há uma distância enorme entre algo que não é uma mentira e a verdade propriamente dita.

— Preciso da tua ajuda — diz-lhe ele.

Vivi ergue um canto da boca. Não há dúvida de que gosta da ideia de o ter à sua mercê.

— Isto promete. O que queres?

— A Oriana vem amanhã, e preciso de provisões e de mobília suficientes para que ela assuma que estou bem instalado.

— Estás? — Vivi arqueia as duas sobrancelhas. — Bem instalado?

— Não estou *mal* instalado — responde Madoc, cauteloso. — Tenho uma morada, mas está desprovida de confortos.

— Tens alguma coisa para dar em troca?

Ela abre mais a porta, fazendo-lhe sinal para entrar. Madoc presume que Oak não esteja ali, afinal.

Segue-a até à cozinha, onde ela põe uma chaleira ao lume. Nunca tinha estado naquele apartamento e não consegue evitar que a parte analítica do seu cérebro absorva todos os pormenores. Quadros de Heather nas paredes. Uma mistura eclética de mobiliário alegre.

— Há um púca, Bryern, que consegue arranjar-te praticamente tudo — diz Vivi, tirando uma seleção de chás que não parecem vir do mundo dos mortais. Interessante. — Mas não em troca de apenas um punhado de folhas encantadas.

— E que tal ouro?

Vivi acena, pensativa.

— Sim, é provável que gostasse disso. O Bryern pode arranjar alguns brownies e silkies e fazer com que a tua casa fique bonita.

— Se conseguires tratar disso, ficaria muito agradecido.

— Claro — assegura Vivi, observando-o como se estivesse a tentar descobrir alguma intenção sinistra. — Mas também vamos ter de arranjar outras coisas, como comida.

Madoc percebe a verdade nas palavras da filha quando ela põe uma caneca à sua frente. Contém uma mistura familiar de hortelã e urtiga, com um aroma semelhante ao das cozinhas da sua própria propriedade. Ergue a chávena, reconhecendo as suas palavras.

— Imagino que tenha de lhe oferecer alguma coisa.

Vivi começa a sorrir.

— Vamos ao Costco — anuncia, os olhos de gato brilhantes com aquilo que pode ser malícia ou talvez travessura.

O Costco é um armazém enorme com tetos altos, cheio de filas e filas de... *tudo*.

Assim que entra, Madoc é imediatamente confrontado com televisores sintonizados em canais diferentes, exibindo um caleidoscópio de imagens e produzindo uma cacofonia de sons. Num dos ecrãs, atletas com capacetes chocam uns contra os outros sobre uma relva de um verde surpreendente, enquanto, no seguinte, mulheres maquilhadas com cosméticos brilhantes gritam umas com as outras. Num terceiro, anões enfrentam um dragão. Madoc observa aquilo horrorizado. Será que os mortais veem isto?

— Pai — diz Vivi, pousando-lhe uma mão no braço. — Está tudo bem. É só um filme.

Claro. Eva já lhe tinha mostrado filmes, mas nenhum parecia tão *real*.

Madoc desvia o olhar dos ecrãs, envergonhado.

Joias brilham em caixinhas, ao lado de relógios eletrónicos anunciados como tendo inteligência, câmaras e um sofá de dois lugares que um cartaz insiste ser feito de memórias. Madoc tem quase a certeza de que os mortais não possuem magia e de que são todos mentirosos, mas, ainda assim, observa o assento com desconfiança.

Outrora, os humanos eram diferentes.

Os mais antigos do Povo contam histórias de como os mortais se arrastavam pela terra e pela



lama, com os corpos a apodrecer quase assim que vinham ao mundo. E, no entanto, tornaram-se mais fortes, mais inteligentes e mais inventivos. Agora, as suas canções são cantadas até em Elfhame, e o mundo de ferro e aço é tão vasto que este armazém de tesouros é algo banal.

O destino parece determinado a humilhá-lo.

— Anda lá — diz Vivi, impaciente.

Madoc segue-a, passando por frascos de plástico cheios de pretzels com manteiga de amendoim do tamanho do seu elmo.



Passa por uma mulher que lhe oferece uma amostra de ravioli frito. Come-o, distraído, e surpreende-se ao descobrir que está recheado com uma espécie de cogumelo delicioso.

Ainda a mastigar, repara em roupas espalhadas pelas mesas, penduradas em cabides e dobradas nas prateleiras. Talvez devesse esforçar-se mais nesse sentido... Afinal, encantar-se é um esforço de magia, sobretudo com tanto ferro pesado no ar.

Fica diante de uma camisa grossa, de aspeto quente, e passa os dedos pelo tecido. É macio e exala um leve cheiro a plástico queimado. Faz-lhe lembrar campos de batalha. Perfeito.

Vivi volta atrás para o observar a encher o carrinho com camisolas de capuz verdes e castanhas, uma camisola cinzenta e calças de ganga azul-escuras. Depois, botas de trabalho pesadas e confortáveis. Uma embalagem de meias. Um par de chinelos fofos que parecem ter sido feitos com a pele e o pelo de um urso, mas que, quando lhes pega, são leves como tecido.

Madoc vira-se para Vivi e apanha-a a rir-se.

— Estou apenas a abastecer-me de mantimentos — resmunga. — Aceitando que estou destinado a passar algum tempo neste mundo amaldiçoado.

A filha revira os olhos.

— Vá, vamos buscar a comida. Vais adorar.

Ele segue o dedo que Vivi aponta até às arcas frigoríficas cheias de carne, vermelha e fresca como se tivesse acabado de ser abatida nos fundos. Bifes maiores do que as suas mãos. Lombos de porco do comprimento de uma das suas coxas. A parte mais doce e rosada do salmão. Peixes prateados e brilhantes, alinhados como soldados debaixo das suas embalagens.

— Ah! — exclama Madoc, contemplando toda aquela abundância.

Pensa na comida que cozinhava quando era um jovem soldado em campanha, tostando o exterior de grandes pedaços de carne e deixando-os completamente crus no centro.

Talvez pudesse cozinhar um bife para Oriana. Se ficar cru, pode dizer que está *malpassado*.

— E... — Vivi atravessa a loja em direção a enormes caixas cheias de sacos de rede com cebolas, batatas e abóboras. Depois, desvia-se para um corredor. Quando regressa, ergue triunfalmente uma embalagem de plástico. — Charcutaria!

A embalagem contém fatias de carnes pré-cozinhadas e vários queijos, cada um suspenso no próprio compartimento.

— A Oriana ia adorar isto — garante Vivi, pegando em uvas e num frasco de azeitonas. — É requintado.

Madoc leva as carnes e os queijos, as azeitonas e as uvas, além de um entrecosto inteiro. E uma tábua de cortar, já que Vivi explica que é suposto dispor a charcutaria sobre uma. E pratos. E copos de vinho. E uma faca de cozinha que se surpreende por poder tocar, uma vez que lhe era proibido pegar em armas. Ao que parece, a faca de cozinha conta como uma *ferramenta*, desde que continue a pensar em usá-la para cortar coisas que não estão vivas.

Ah, e vinho. Várias garrafas.

Passa por crianças mortais em carrinhos. Algumas delas, novas o suficiente para conseguir ver através do encantamento, ficam a olhar fixamente. Madoc acena com os dedos em forma de garras para uma criança de olhos penetrantes e cabelo encaracolado.

— Achas que ela está zangada contigo? — pergunta Vivi enquanto saem. — A Oriana, quero dizer.

— Onde está o recibo? — interrompe uma mulher quando passam com o carrinho.

Vivi acena com a mão, e uma expressão atordoada apodera-se do rosto da mulher.

Madoc ergue uma sobrancelha. Jude não iria gostar daquilo.

Vivi suspira, exasperada.

— Ninguém consegue ser bom *o tempo todo*.

— Não me digas — responde Madoc, divertido.

Ela lança-lhe um olhar severo.

— E não mudes de assunto. A Oriana está zangada contigo?

— É possível — admite o pai.

— Achas que vai deixar-te?

Madoc rosna enquanto enchem a parte de trás do carro de Heather com as compras.

— É possível.

— *Eu* acho que ela está zangada contigo — diz Vivi, pouco esperançosa. — E, se te deixar, não tens permissão para a matar.

— Eu não ia... — começa Madoc, mas interrompe-se. — Estás a provocar-me.

Vivi sorri.

— Uma rapariga tem de se divertir um pouco. Considera isso o preço da minha ajuda.

Madoc cruza o olhar com o dela e percebe que têm mais em comum do que apenas olhos felinos. A filha vai odiá-lo para sempre, tal como jurou que faria quando ele lhe matou a mãe.

Mas Vivi é a única filha da sua linhagem, e herdou pelo menos alguma coisa da sua natureza de barrete-vermelho; o ódio não conseguiu impedir que o amor se infiltrasse.

— Bem — diz Oriana. — Não sei bem o que esperava, mas não era isto.

Ela encantou-se apenas de forma ligeira. As suas orelhas são arredondadas, e tornou completamente invisíveis as pequenas asas dobradas nas costas. Mas não disfarçou a palidez sobrenatural da pele e do cabelo, nem o tom rosado dos olhos. E o vestido, de um tom corado com camadas em forma de pétalas, permanece inalterado. O mais interessante é que nada da sua beleza foi diminuído, o que pode ser perigoso para os corações mortais.



Nesta coleção, Holly Black combina a construção de mundos exuberantes com ilustrações a cores deslumbrantes. Regressa ao mundo de Elfhame e dos *Contos de Fadas Modernos* com seis histórias irresistíveis, incluindo duas inéditas: uma que revela a vida interior de Madoc no exílio e outra que retrata o momento em que Cardan percebe o que mais deseja.



Penguin Random House Grupo Editorial

seekthebutterfly.pt
secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-596-172-6